

REFLEXÕES SOBRE AVALIAÇÃO NO AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM

KLÍVIA DE C. SILVA NUNES
UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS – UFT
klivia@uft.edu.br

GIZELDA MOURA RODRIGUES
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DO TOCANTINS
gizeldamr@hotmail.com.br

RESUMO

O presente artigo socializa um trabalho desenvolvido sobre avaliação da aprendizagem no Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA, no curso Pós-Graduação em *lato sensu* em Coordenação Pedagógica, pólo Tocantinópolis, Universidade Federal do Tocantins – UFT. O objetivo é contribuir com reflexões sobre o sucesso e insucesso no acompanhamento da atividade de aprendizagem no AVA, em prol da construção do conhecimento dos alunos. Para análise deste trabalho precisou-se recorrer aos pressupostos teóricos sobre a concepção curricular que orientam as práticas avaliativas dos professores. Destarte, o mesmo toma como base o ato educativo quando busca refletir sobre o que, como, o porquê e de que forma será feita a avaliação da aprendizagem, para que aconteça o sucesso do aluno no AVA. Diante do exposto, surge a seguinte questão: Quais os desafios da avaliação em Ambientes Virtuais de Aprendizagem de modo que o aluno perceba seus sucessos e insucessos uma vez que ele é o sujeito da construção do conhecimento? As reflexões propostas a partir deste problema apóiam-se nos dados levantados em pesquisa-ação desenvolvida junto às atividades dos alunos deste curso. Para tanto, procurou-se na trajetória deste trabalho possibilitar à reflexão sobre o uso do fórum na Sala Ambiente de Currículo, Cultura e Conhecimento Escolar, por se acreditar que este instrumento potencializa a avaliação formativa e emancipadora. Assim, esperamos contribuir com a abertura de novos diálogos sobre práticas avaliativas com o uso do AVA na construção do conhecimento e dar maior visibilidade a um referencial crítico à avaliação da aprendizagem online.

Palavras-chave: avaliação. ambiente virtual de aprendizagem. concepção curricular.

1. Introdução

Vivemos hoje profundas mudanças, seja na área da ciência, seja na área da economia, da política, da tecnologia e do campo social. É uma época de transitoriedade entre dois paradigmas, o moderno e o pós-moderno. Nesse contexto, chegamos ao século XXI com novas exigências e transformações econômicas, políticas, sociais, culturais e tecnológicas, que trazem novos desafios para a sociedade do conhecimento. Tais situações decorrentes da realidade contemporânea fazem com que a Tecnologia Digital de Informação e Comunicação – TDIC influencie todas as esferas sociais, especialmente a instituição escolar, que caminha para a sofisticação do processo estruturante do ensino e da aprendizagem, com uso de tais recursos que é lidar com máquinas interativas de forma que proporcione as crianças e os jovens aprenderem sozinhos. A esse respeito, pode-se dizer que assistimos à crescente importância do acesso às informações, estas que devem se transformar em conhecimento, o que se traduz em deslocamento do saber fazer para o saber, repercutindo em toda a área educacional, inclusive a Educação a Distância.

Neste sentido, o presente trabalho procura trazer para o centro da discussão os aspectos inerentes sobre a aprendizagem em ambiente virtual com o enfoque na avaliação da aprendizagem. Como na educação presencial, a educação a distância - *online*, enfrenta vários obstáculos para que a aprendizagem ocorra de fato, entre vários fatores pode-se dizer que a avaliação é uma das tensões nas discussões entre os professores que trabalham com esta modalidade de ensino. Assim, pensando nas questões aqui postas, surge o seguinte questionamento: quais os desafios da avaliação em Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), de modo que o aluno perceba seus sucessos e insucessos, uma vez que ele é o sujeito da construção do conhecimento? O objetivo deste trabalho é, então, contribuir com reflexões sobre o acompanhamento da atividade de aprendizagem no AVA, como um meio para potencializar construção do conhecimento.

2. Desafios da avaliação em Ambiente Virtual de Aprendizagem

Refletir sobre o currículo, didática e construção do conhecimento e sua relação com a avaliação da aprendizagem nos impõem uma aproximação com a visão crítica sobre a sociedade atual. De acordo com Apple (apud SILVA, 2004, p. 45), esta visão pressupõe um olhar sobre a sociedade capitalista e a educação, tal como argumenta:

A dinâmica da sociedade capitalista gira em torno da dominação de classe, da dominação dos que detêm o controle da propriedade dos recursos materiais sobre aqueles que possuem apenas sua força de trabalho. Essa característica da organização da economia na sociedade capitalista afeta tudo que ocorre em outras esferas sociais, como a educação e a cultura, por exemplo. Há, pois, uma relação estrutural entre a economia e educação, entre economia e cultura.

Assim, a partir do argumento do autor supracitado, é possível perceber a conexão entre a economia e a educação, de forma que não se exclui, neste pensamento, a educação oferecida a distância (*online*). Essa relação se estabelece por meio da seleção de conteúdo e de métodos avaliativos expressos através de mensagens implícitas ou explícitas dos *feedbacks* repassados para os alunos nas atividades desenvolvidas.

Nesse sentido, pode-se afirmar que existe um código de interesse na proposta pedagógica no interior deste currículo, o que representa a reprodução cultural dos códigos da classe dominante, tal como revela Bordieu e Passeron (apud SILVA, 2004, p. 35), quando dizem:

O currículo da escola está baseado na cultura dominante: ele se expressa na linguagem dominante, ele é transmitido através do código cultural dominante. As crianças das classes dominantes podem facilmente compreender esse código, pois durante sua vida elas estiveram imersas, o tempo todo nesse código [...]. Em contraste, para as crianças e jovens das classes dominadas, esse código é simplesmente indecifrável [...]. O resultado é que as crianças e jovens das classes dominantes são bem-sucedidas na escola, o que lhes permite o acesso aos graus superiores do sistema educacional. As crianças e jovens das classes dominadas, em troca, só podem encarar o fracasso, ficando pelo caminho.

Em geral, o ciclo da reprodução cultural se completa, garantindo à classe dominante perpetuar seu código cultural. Sendo assim, pode-se dizer que

o currículo não é neutro, assim como a avaliação não é desprovida de intencionalidade. Ele é o reflexo dos interesses particulares de uma determinada classe que usa estes meios para garantir sua hegemonia.

Para estes teóricos, o que se revela é o poder, este centrado na seleção do que é legítimo e ilegítimo incluir no currículo. Trata-se de uma forma de controle do processo de ensino, pois enquadra o sujeito a um ritmo, a um tempo e a um espaço de transmissão do professor, não do aluno.

O que se pode observar na visão desses teóricos é a preocupação com o papel da educação formal no processo de reprodução cultural e social, bem como, com os meios que são utilizados para o repasse das ideologias dominantes e as conexões com as relações de poder. Com base nestas considerações e recorrendo-se a Brenstein (apud SILVA, 2004, p. 76), afirma-se que os códigos supostamente elaborados pela escola, restritos a uma determinada classe dominante, contribuem para o fracasso escolar das crianças, jovens e adultos provenientes de uma classe social menos favorecida, pois as discrepâncias entre um código e outro só contribuem para a exclusão dos que ocupam a classe operária.

Quanto a esse aspecto, chama-se a atenção para os cursos a distância, por serem um meio de acesso ao conhecimento para uma grande maioria de indivíduos que estão isolados geograficamente ou que, devido ao tempo que já disponibiliza para o trabalho regular, vê-se impossibilitada de frequentar salas de aula de cursos presenciais, bem como em sua grande maioria é a população que se encontra marginalizada ao acesso do conhecimento científico. Assim, esses indivíduos acabam recorrendo a esta modalidade de ensino para se incluírem na tão divulgada sociedade de conhecimento. Logo, a preocupação deve ser maior por parte dos envolvidos na condução das propostas curriculares para que, de fato, se dê acesso ao conhecimento indistintamente.

No Ambiente Virtual de Aprendizagem, o código é a linguagem escrita, devendo o aluno expressar-se sobre os assuntos tratados, revelando todo o seu percurso de construção de conhecimento, o que vincula a análise da relação entre processo educacional e o desenvolvimento mental. Assim, o desenvolvimento da linguagem extrapola a simples aquisição de vocabulário e constitui-se meio de construção de conhecimento, pois a linguagem permite a emissão de conceitos e

formas de organização do real. Nesse contexto, mais que criar bases comuns para a comunicação, instrumentaliza-se o pensamento mediante a generalização e a abstração conceitual. Portanto, não é só a forma de transmissão, mas é também o processo didático-metodológico que conduz essa transmissão dos conteúdos e que oportuniza a construção do conhecimento a todos.

No entanto, o que se observa, na maioria das vezes, é que as atividades propostas, sejam elas no ensino presencial ou *online*, têm características centradas na memorização dos conteúdos, o que não permite o movimento dialético do pensar cientificamente como deveria ser.

São dirigidas diversas críticas a esse tipo de currículo, considerado ineficaz e que só contribui para a reprodução da estratificação social e para o fracasso escolar. Segundo Moraes (1997), esta crítica tem suas raízes na forma de pensar do sistema capitalista, sendo hoje reforçada pelo neoliberalismo. Por isso, agora é a ocasião ideal para se repensar e dar outro rumo à educação, não mais se fazendo perpetuarem concepções que só reforçam a exclusão das camadas menos favorecidas e que privilegiam um ensino que afasta o aluno do processo de construção de conhecimento; deve-se, ao contrário, afastar do modelo de sociedade que produz seres incompetentes, incapazes de criar, de pensar, de construir e reconstruir conhecimento.

Nesta vertente de pensamento, pode-se pensar em algumas saídas para reverter o quadro da exclusão no ambiente virtual de aprendizagem, a partir do momento em que o professor possibilita a discussões no espaço e tempo destinados à construção do conhecimento, como, por exemplo, por meio do uso da ferramenta de interface, o fórum, como um momento propício a se desafiar o pensamento do aluno de forma que ele construa o conhecimento científico. Paralelamente, o professor direcionaria as atividades de forma a sair do geral para o particular e retornando para o geral, ou seja, adotaria o movimento dialético do pensamento: tese-antítese-síntese.

Por isso, a lógica não é saber como organizar o currículo, mas sim conhecer o porquê desse conhecimento que está selecionando. Além disso, é relevante questionar quais interesses guiaram na seleção de determinados conhecimentos em detrimento de outros, a finalidade de se avaliar, quem são os beneficiários da avaliação, quais as relações de poder envolvido no ato avaliativo,

a quem o professor estará servindo, e, por fim, quais os procedimentos didático-metodológicos que potencializam o sucesso do aluno. Estas questões implicam em dizer sobre a importância de se dá sentido ao currículo para que o aluno perceba as questões propostas na sua totalidade para que de fato possa ocorrer a aprendizagem.

Para Oliveira e Serrazina (2002, p. 35) ensinar é uma procura constante que objetiva criar condições para que aconteçam aprendizagens. Assim, a aprendizagem em ambientes virtuais requer que o professor faça a opção por uma matriz epistemológica para desenvolver o seu trabalho. A respeito do ato educativo, Palloff e Pratt (2002) refletem sobre o que oferecer como oferecer e de que forma será feita a mediação pedagógica e a avaliação, para que aconteça o sucesso na aprendizagem nos ambientes virtuais.

Esse paradigma vem se constituindo um movimento de ressignificação desse processo que, de acordo com Saul (2001, p. 61), caracteriza-se como um processo de descrição, análise e crítica de uma dada realidade, visando a transformá-la.

Assim, a avaliação tem como base o aspecto político-pedagógico, cujo objetivo é emancipar o sujeito da submissão imposta. Dentro desta visão, a ação educacional reconhece a relação interdependente da vida humana com o mundo natural, oportunizando para esse sujeito a liberdade de escrever sua própria história, e não mais privilegiando o ser passivo, mero espectador da construção do conhecimento. Partindo desse pressuposto, o ensino não pode ser tratado como uma mera transmissão mecânica, a partir da qual o sujeito recebe as informações, memoriza e não mobiliza conhecimento.

Frente a esse quadro, faz-se necessário, novas maneiras de ensinar, de aprender e de desenvolver o currículo integrando a tecnologia na produção do conhecimento científico e nas experiências dos alunos. Deve-se, portanto, voltar para as práticas pedagógicas que favoreçam situações de interação entre os alunos, o trabalho em grupo, a busca por informações e o diálogo constante com a produção de novos conhecimentos. Esta nova forma de se ensinar e aprender remete à maneira de se pensar a importância da mediação pedagógica do professor, decorrente do fato de que os sistemas simbólicos mediam a ação do homem com as coisas e com os fenômenos.

Nesse sentido, argumenta-se que o professor deve ter novas formas de ensinar, deve conhecer como o aluno aprende, provocando a aprendizagem do sujeito para além das “armaduras mentais” que acaba construindo nas mentes dos alunos; deve dirigir a aprendizagem visando à vida.

Portanto, pensar o processo da avaliação é pensar a abrangência do currículo e da didática de forma a materializar a aprendizagem do aluno na rotina da sala de aula virtual, despertando-o para a curiosidade do ato de aprender, mobilizando a construção do saber e dando mais sabor à descoberta do aprendido.

Neste sentido, qualquer tipo de ferramenta utilizada no ambiente virtual, seja: fóruns, *wikis*, tarefas, portfólios ou mapas conceituais, por exemplo, pode converter-se em uma prática avaliativa inovadora, que se destaque pelo seu caráter reflexivo e inclusivo a serviço das aprendizagens. Porém, qualquer que seja a opção do professor no uso de uma destas ferramentas, ele deve estar imbuído da intenção de favorecer o sucesso do aluno na construção do conhecimento científico. Isso pressupõe uma visão dialética que prime pela avaliação segundo uma dimensão essencialmente ética, relacionada ao compromisso do avaliador em acompanhar o processo de desenvolvimento do sujeito avaliado, intervindo de modo a corroborar a superação das dificuldades identificadas em relação à aprendizagem.

No tocante à avaliação como instrumento avaliativo que tenha como intuito primeiro o sucesso do aluno, deve-se levar em consideração que avaliar o processo de aprendizagem, principalmente nos cursos *online*, significa enfrentar a complexidade que ocorre no ambiente virtual. Daí se questiona como lidar com a desistência, a ausência, o silêncio virtual. Estes aspectos devem servir como um termômetro para se verificarem os motivos que ocasionam tal situação citada acima. Eles podem ser os mais diversos, como, por exemplo: baixa qualidade do curso, pouca interação entre os participantes, descumprimento dos objetivos propostos, critérios de avaliação mal formulados, dentre outros. O importante é que não sejam desprezados esses fatores observados, mas, sim, que sejam trabalhados de modo que se possa reverter qualquer situação e deve-se, ainda, compreender que nem sempre queremos ler, ouvir, falar ou escrever. Podemos estar presentes, mas ausentes. E ausentes, mas presentes.

A partir do pressuposto teórico que vem se delineando ao longo deste texto sobre a avaliação e currículo, buscou-se construir o campo de investigação da presente pesquisa, relacionando-se a prática vivenciada no curso de Pós-Graduação em Coordenação Pedagógica com os anseios dos sujeitos pesquisados (os alunos deste curso), a partir da observação e de dados coletados no próprio ambiente a respeito da avaliação da aprendizagem. O cenário em que a pesquisa se desenvolveu constituiu-se do uso do Ambiente Virtual de Aprendizagem, plataforma *Moodle*, utilizando a ferramenta de interface – fórum, a partir da qual visualizamos percepções e tecemos conclusões que serão expostas a seguir.

3. Pesquisa de Campo: algumas considerações sobre o processo avaliativo

Esta pesquisa se deu no período compreendido entre o dia 21 de junho e 15 de setembro de 2011. Tomando como referência a avaliação da aprendizagem, o qual buscou averiguar se ela se dava de forma que favorecesse o sucesso na construção do conhecimento, por parte dos alunos do Curso de Pós-Graduação em Coordenação Pedagógica, turma de Tocantinópolis. O objetivo geral foi contribuir com reflexões sobre o sucesso e o insucesso no acompanhamento da atividade de aprendizagem no AVA, por parte do professor, em prol da construção do conhecimento dos alunos. Pensa-se, pois, a matriz epistemológica que orienta a prática pedagógica nas questões sobre o ato avaliativo no ambiente virtual construtivo, interativo e colaborativo. É relevante esclarecer que essa pesquisa contou com 40 cursistas, uma professora de turma e uma professora assistente que estavam mediando às salas ambientes no pólo de Tocantinópolis.

O foco desta pesquisa voltou-se para as práticas avaliativas do professor para com seu aluno, no que se refere à participação nos fóruns de discussão disponibilizados no ambiente do referido curso, especificamente na sala ambiente de Currículo, Cultura e Conhecimento Escolar. Surgiram, então, várias indagações e desafios para as professoras de turma desta sala, tais como: o que e como avaliar, como atribuir uma nota de 0 a 10, tal qual proposto no projeto de avaliação do curso, e, por fim, como associar o que estava sendo

estudado pelos alunos com a realidade que eles estavam vivenciando no curso. Como se pode perceber foram várias indagações, muitas das quais sem respostas sobre o processo de condução do ato avaliativo, pois o que constava no projeto do curso não possibilitava uma compreensão clara de como proceder na prática na atribuição desta nota, ou seja, a questão seria como quantificar esta participação. Para uma melhor compreensão veja o que consta no projeto de avaliação do curso:

- *A participação é obrigatória e avaliativa e constitui-se de 30% do valor total da sala, considerando:*
 - *não será validado apenas a quantidade de participações em um tópico dos fóruns, mas deve ser estabelecido a necessidade do cursista participar de todas as listas, ou tópicos de discussões de uma sala e que a avaliação final será dada por meio da média simples entre essas participações;*
- *Situação para uma sala com apenas um tópico no fórum de debate, será avaliado:*
 - *Até 3 participações significativas – 3,0*
 - *Até 2 participações significativas – 2,0*
 - *Uma participação significativa – 1,0*
 - *Nenhuma participação significativa – 0,0*
- *Situação para uma sala com apenas dois tópicos no fórum de debate, será avaliado como exemplificação abaixo:*
 - *tópico 1 – o cursista teve 2 participações significativas – 2,0*
 - *tópico 2 – o cursista teve 1 participações significativas – 1,0*
 - *média final no fórum: 1,5 (soma as notas dos dois fóruns e divide pelo numero de tópicos – $3/2=1,5$)*

Além disso, constava no documento:

*Obs1. A compreensão de **participação significativa** ficará sob a definição de cada equipe, a qual deve ser apresentada aos cursistas antes de iniciar uma discussão avaliativa em fórum. (o professor ao apresentar o cronograma de trabalho da sala, deve explicar para o aluno como ele será avaliado no Fórum, o que considera significativo)*

Nesse contexto de incertezas, surge a necessidade da elaboração, por parte das professoras que conduziam o processo avaliativo, de alguns critérios de avaliação do fórum de discussão que possibilitassem uma maior segurança na condução do processo de avaliação, bem como, possibilitassem aos alunos *feedback* sobre a sua atividade do fórum, de forma que o ajudassem a perceber como eles estavam caminhando nas discussões, se as suas contribuições traziam articulação da teoria e prática do que estava sendo proposto na atividade.

Detalhando um pouco mais estes critérios elaborados pelas professoras do curso, tendo como referencial o próprio projeto de avaliação, ver tabela 1:

Tabela 1: Critérios Avaliativos

Tipo de mensagem	Descrição	Quantidade de Participação	Valor
Mensagem com muita contribuição	Consistência do debate (se o aluno agrega valor ao debate); Clareza (se o aluno expressa suas idéias de forma objetiva); Interação (participação nos debates); Gera outras respostas e complementação ao assunto tratado.	3	de 9 a 10
Mensagem com boa contribuição	Apresenta ponto de vista relevante; Pouca interação com os outros participantes; Sua resposta não gera complementação ou novas respostas ao assunto tratado.	2	de 7,1 a 8,9
Mensagem com pouca contribuição	Apresenta clareza e concisão; Não há interação; Não agrega valor ao debate.	1	de 5 a 7
Mensagens vazias	Mensagem sem conteúdo	0	0

Fonte: Critério elaborado pelas professoras mediadoras – 2011

Com base nestas explicações sobre os critérios avaliativos, acima descritos, e, colocados em práticas pela professora mediadora da turma, passa-se a descrever a pesquisa.

Para auxiliar na reflexão é necessário acompanhar o movimento quantitativo de mensagens postadas no fórum de Políticas Públicas para o Ensino Fundamental, como forma de melhor compreender como os fóruns são importantes na construção colaborativa de conhecimento, pois visam aprofundar os conteúdos trabalhados na sala ambiente, reflexões entre os pares e compartilhamento de experiências. O resultado obtido pelas pesquisadoras contemplou o número de participações efetivas dos alunos, no caso, 182, conforme consta na figura 1.

Figura 1: Quantitativo de Comentário (docente e aluno)

Tópico	Autor	Comentários	Não lida	Última mensagem
Políticas Públicas para o Ensino Fundamental	Profª Klívia de Cássia Nunes	182	0	Maria Vilma de Araujo Lima Sex, 16 Set 2011, 18:52

Fonte: Fórum de Políticas Públicas para o Ensino Fundamental

A partir destes dados apresentados da participação dos alunos no fórum da sala de currículo, constatou-se que não se tratava de um ambiente estático. Ao contrário, havia um movimento próprio dos alunos na formação de uma rede colaborativa de aprendizagem. Esse interesse se traduz em deslocamento do *saber fazer* para o *saber*, repercutindo em toda área do

processo de ensino e aprendizagem, tal como foi apontado ao longo deste trabalho. Observe abaixo trechos de dois diálogos de alunos trocando idéias a respeito da temática trabalhada para se ter uma maior compreensão do processo:

Aluna A: Infelizmente nosso país só pensa em se dar bem em várias situações, é claro que não está no ideal de todos, mas atinge uma grande maioria, que acaba por se privilegiar dos menos favorecidos, eu não acredito que haverá uma educação que possa atingir à todos de maneira igualitária, riquezas para promover o país eu sei que tem, mas grupos da elite não almejam uma igualdade, políticas públicas que visam a igualdade são para atender uma faixa da população, mas antes de se alcançar esta faixa dá um jeito de desviar o caminho e até que se descubra o que realmente aconteceu já se passou décadas, muitos perderam tempo demais para alcançar o mínimo, o jornal nacional está aí mostrando a realidade da educação, como pode uma diferença tão injusta, todos na escola, uns bem atendidos, outros totalmente largados, abandonados e na hora de avaliar todos iguais, não aprovo a injustiça.

Aluna B: Prezada A, Concordo plenamente com você quando coloca a disparidade do ensino dentro do nosso País. Não precisamos ir para outro lugar não, aqui mesmo percebemos a grande diferença da oferta de um ensino de um lugar para outro, e até de uma escola para outra. É mister pois, salientar que um país tão rico e ao mesmo tempo tão pobre, não atende a todos por igual. O direito a uma educação de qualidade em que se prega Educação para todos, na maioria das vezes nos deixa de pés e mãos atadas sem entender o que acontece com nossos alunos, quando são submetidos as avaliações externas. Será preciso redirecionar os objetivos, para que os nossos alunos se apropriem dos conhecimentos para desenvolver o potencial, a fim de apresentar sem medo o que realmente aprenderam para mudar a cara e os resultados das avaliações.

Como se pode observar esta dinâmica que é própria do fórum, desde que seja bem conduzido, os sujeitos percebem que o fórum é rico de construção e colaboração de saberes, e, que impulsiona a ampliação de novas reflexão sobre o objeto em estudo.

Outro ponto a ser considerado quanto à prática avaliativa do professor refere-se ao fato de que, para um melhor desempenho no ato de se acompanhar o desenvolvimento dos alunos, seria necessário dar-lhes *feedback*, como forma de auxiliá-los nas discussões promovidas, sempre quando fosse necessário. Além disso, o registro desse *feedback* ajudaria na análise das informações necessárias para compor a nota e o comentário acerca do desempenho de cada um deles. Certamente, tal fato ajuda o professor a realizar uma avaliação formativa que potencialize uma aprendizagem sólida, este aspecto é facilmente observado no diálogo entre professor e aluno, na página seguinte deste trabalho:

Boa noite A!

Muito pertinente sua colocação quando aborda que nem todos aprendem ao mesmo tempo, igualmente e a aplicabilidade do mesmo currículo para regiões com realidades sociais, econômicas bem diferentes. São situações como essas que nos levam refletir nas conseqüências das políticas educacionais que hoje estão aí e as que virão ser implantadas, bem como, uma desconexão entre essas políticas implantadas e a educação que vivenciamos, ou seja, a realidade educacional.

Continue participando!

Será que o currículo é flexível....o que é flexibilidade dentro dessas propostas que são lançadas e pensadas como políticas educacionais?A quem está servindo? Estas são algumas questões que coloco para nosso diálogo com todo o grupo.

Tudo bem B, mas devemos nos lembrar, como o autor coloca, que muito desse processo é simbólico - significado a ele atribuído e, sabemos que muitos são os fatores que podem levar ao "fracasso" escolar, e dentre esses a melhoria do trabalho docente. Concorda?

Estes trechos evidenciam que a mediação pedagógica contribui de forma significativa para a reflexão coletiva do grupo, demonstrando o acompanhamento do percurso de formação do aluno. Além disso, demonstra que os alunos não estão sozinhos, são acompanhados e sempre que necessário a intervenção pontual do professor nas questões tratadas, tal como Almeida (2003, p. 336) chama a atenção para o registro contínuo das produções e caminhos percorridos no processo de ensino e aprendizagem, assim diz:

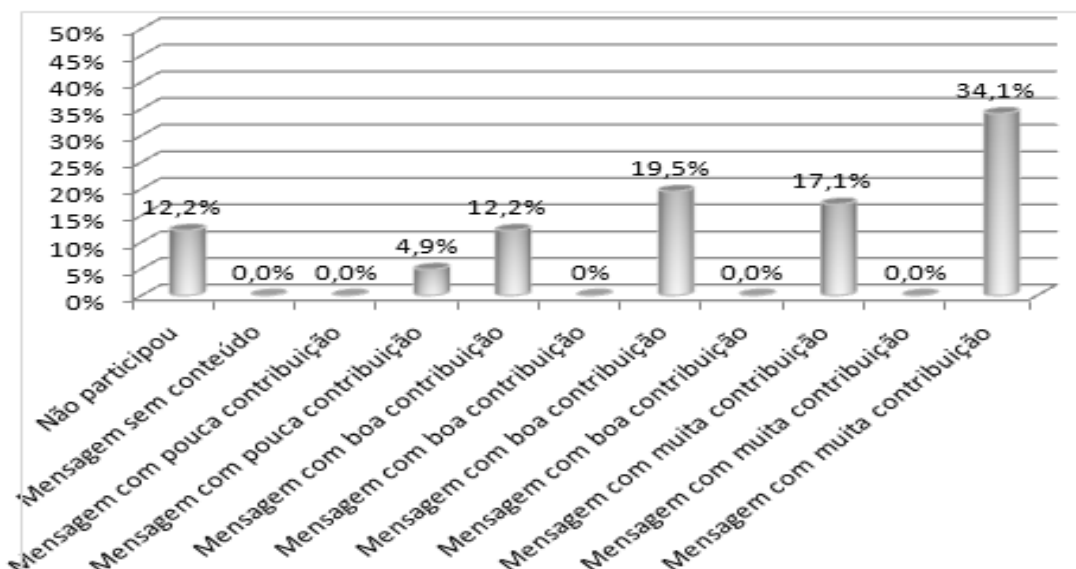
[...] o uso das TIC em EAD traz uma contribuição essencial pelo registro contínuo das interações, produções e caminhos percorridos, permitindo recuperar instantaneamente a memória de qualquer etapa do processo, analisá-la, realizar tantas atualizações quantas forem necessárias e desenvolver a avaliação processual no que diz respeito a acompanhar o desenvolvimento do aprendiz e respectivas produções ou analisar a atividade em si mesma. A par disso, mesmo após a conclusão das interações, é possível recuperar as informações, rever todo o processo e refazer as análises mais pertinentes em termos de avaliação.

Neste sentido, é possível conceber esta perspectiva de avaliação cuja vivência, proposta por Almeida (2003), marca uma lógica da inclusão, do diálogo, da construção da autonomia, da mediação, da participação e da construção de responsabilidades. Essa concepção de avaliação parte do princípio de que todas as pessoas são capazes de aprender e de que as ações educativas, as estratégias de ensino, os conteúdos das disciplinas devem ser planejados a partir dessas infinitas possibilidades de aprendizado. Tal pressuposto evidencia os desafios específicos em relação à avaliação da aprendizagem, desafios estes criados pelo ambiente a distância, a saber: o domínio da tecnologia por parte do

aluno e do professor; a criação de um ambiente virtual que promova a aprendizagem individual e colaborativa por meio de interação e interatividade; o planejamento e a execução dos cursos caracterizados pela participação, de modo que haja articulação entre os objetivos, as atividades de aprendizagem e as atividades avaliativas.

No que se refere à participação no fórum e à atribuição de nota de acordo com os critérios já definidos e citados anteriormente, pode-se constatar, no gráfico 1, o seguinte resultado:

Gráfico 1: Notas dos Cursistas no Fórum



Fonte: Pesquisa direta. Org. Rodrigues e Nunes, 2011.

Os alunos que receberam nota entre 9 (nove) e 10 (dez) somam um total de 51,2% dos participantes. Essas notas foram atribuídas conforme o critério ora proposto e, portanto, os discentes correspondem àqueles que tiveram mais de 3 (três) participações com: consistência do debate (agregaram valor ao debate); clareza (alunos que expressaram suas ideias de forma objetiva); interação (participação nos debates); geraram outras respostas e complementaram o assunto tratado. Tal percentual permite concluir que uma grande maioria dos cursistas apresenta consistência no debate e que conseguem agregar novos saberes.

Em contrapartida, a soma de 31,7% de participações dos cursistas mostra que tiveram uma boa contribuição, com 2 (duas participações), o que corresponde à nota de 7,0 a 8,9, atendendo aos seguintes critérios: apresentam ponto de vista relevante, mas pouca interação com os outros participantes e as respostas não geram complementação ou novas respostas ao assunto tratado. Esse percentual, contudo, ilustra um bom resultado de desempenho por parte dos participantes.

Por fim, visualiza-se no gráfico a soma de 4,9% (com uma participação), segundo os seguintes critérios: os alunos apresentam clareza e concisão em suas respostas; mas não há interação, não se agrega valor ao debate. Esses dados também apontam que houve, paralelamente, pouco diálogo entre os cursistas. A participação deles, em determinadas circunstâncias, se deu de forma estática, visando apenas a obter nota nas postagens. Outro ponto que é salutar aos olhos das pesquisadoras foi o percentual dos cursistas que não tiveram nenhuma participação, 12,2%. São estes grupos que se deve preocupar no ambiente virtual, pois eles apontam para as possíveis desistências que podem ocorrer ao longo do processo. Além disso, demonstram as incertezas que o professor tem em lidar com a ausência e o silêncio virtual.

Estes resultados comprovam a importância desta ferramenta para que o docente possa acompanhar o processo de construção colaborativa de conhecimento, podendo fazê-lo não só em termos numéricos, quantitativos, mas também no que se refere à qualidade das contribuições dadas pelos cursistas. Mas essa abrangência da avaliação só será possível se for assegurada a interação de um currículo vivo, que mobilize o pensamento dos alunos, atrelado a uma prática avaliativa inclusiva, formativa e emancipadora. Apenas por esse meio será possível o sucesso na aprendizagem nos ambientes virtuais, de modo a se promover o movimento dialético do pensamento: ação-reflexão-ação.

4. Considerações finais

Desenvolver uma nova postura avaliativa é ir além da visão da lógica do mercado capitalista, que pede eficiência e eficácia em nome de uma economia que visa cada vez mais à produção de riqueza. Também, que torna a avaliação

um instrumento viável para atingir tais fins, excluindo cada vez mais a classe menos favorecida. Por meio dela, seleciona-se um seletivo grupo de pensantes da classe trabalhadora, que, na visão do sistema, só serve para o trabalho manual e não intelectual. Tais propósitos e modos de agir não correspondem ao pensamento societário que visa a uma educação emancipadora, de forma a se respeitar o ser na sua individualidade e a se contribuir com a construção de uma sociedade digna e solidária.

Contudo, não se pode ser ingênuo acreditando-se que, ao se mudar a concepção de avaliação, colocando-se nova roupagem, se estará mudando também o objetivo e a prática avaliativa dos professores, na sala de aula presencial e/ou virtual. Para se pensar em mudança, deve-se refletir também sobre a formação inicial e continuada do professor, bem como a respeito das condições reais de trabalho que ele enfrenta no seu dia a dia, especialmente aqueles que lidam com EAD.

Por isso, é importante o aprofundamento da discussão sobre o ambiente virtual de aprendizagem, no que se refere a: concepção avaliativa, currículo, ensino e aprendizagem. Isso no sentido de se encontrarem caminhos para uma prática educacional adequada, que conceba o homem como um ser histórico que interage com o mundo a sua volta.

Nesse universo, os alunos deverão ser iniciados na utilização da tecnologia e, sobretudo, deve-se ajudá-los a articular esse domínio com a aprendizagem em redes de conhecimento, para desenvolverem também o outro ao mesmo tempo em que também se desenvolvem. Para isso, a ação docente precisa usar os diversos recursos oferecidos pelo recurso tecnológico empregado (no caso, o computador), como, por exemplo, os fóruns, que aguçam a criatividade, a descoberta e, além disso, permitem o diálogo entre os alunos. Acredita-se que esse recurso deva ser utilizado para subsidiar a estratégia metodológica da ação docente baseada na construção do conhecimento que se quer desenvolver nos alunos.

Dessa forma, os desafios didático-metodológicos para a construção da aprendizagem a partir de uma avaliação formativa, interativa e inclusiva recaem sobre uma prática pedagógica que organize o processo de ensino na construção de uma aprendizagem significativa, instigante e problematizadora, centrada no

conhecimento teórico e prático, desafiando os alunos a buscarem as soluções possíveis para situações problemas que enfrentam no seu dia a dia. Em suma, a avaliação da aprendizagem deve estar mais próxima da construção do conhecimento, das interpretações e da análise crítica e construtiva do contexto em que está inserida. Desse modo, não servirá como um meio para perpetuar as concepções de um pequeno grupo hegemônico. Será, sobretudo, uma forma de se libertar o sujeito da sua condição de passividade diante do sistema que cada vez mais anula sua condição humana, fazendo com que a lógica do mercado seja mais importante para o desenvolvimento social do que o próprio bem estar do homem.

5. Referências

ALMEIDA, M E B de. **Educação a distância na internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem.** Educação e Pesquisa, v 29, n.2, jul/dez. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2003.

MORAES, M. C. **O paradigma educacional emergente.** Campinas: Papirus, 1997.

OLIVEIRA, I; SERRAZINA, L. A reflexão e o professor como investigador. In: _____ **Refletir e investigar sobre a prática profissional.** Lisboa: APM, 2002.

PALLOFF, R; PRATT, K. **Construindo comunidades de aprendizagem no ciberespaço.** Tradução: Vinícius Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SAUL, A M. **Avaliação Emancipatória: desafio à teoria e à Prática de Avaliação e Reformulação de Currículo.** 6. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SILVA, T. T. da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SILVA, J F da. Introdução: avaliação do ensino e da aprendizagem numa perspectiva formativa reguladora. In: SILVA, J F da; HOFFMANN, J; ESTEBAN, M T (Org.). **Práticas Avaliativas e aprendizagens significativas em diferentes áreas do currículo.** Porto Alegre: Mediação, 2003.

TOCANTINS. UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS. **Projeto de Avaliação do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica.** Palmas: UFT, 2010.